

Aula 7

Referências Bibliográficas

Andrade, Elias Alves de. 2009. Aspectos paleográficos em manuscritos dos séculos XVIII e XIX. In *Revista de Filologia e Língua Portuguesa 10-11*, 149-172.

Cambraia, César Nardelli, 2005. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes (Col. Leitura e Crítica)

Fachin, Phablo R. Marchis. 2009. Critérios de leitura de manuscritos: em busca de lições fidedignas. In *Revista de Filologia e Língua Portuguesa 10-11*, 237-262.

Monte, Vanessa Martins do. 2009. Uma descrição codicológica: documentos setecentistas. In *Revista de Filologia e Língua Portuguesa 10-11*, 103-120.

Paixão de Sousa, Maria Clara. 2013. *Humanidades Digitais: O digital e as novas formas de construção do conhecimento*. Comunicação ao Seminário Internacional Sistemas de Informação e Acervos Digitais de Cultura. São Paulo, 12 de março de 2013. *Disponível em Vídeo – Canal da Secretaria de Políticas Culturais do Ministério da Cultura: <http://youtu.be/m0s-iAfZPD>*
Acesso em 15 de agosto de 2015.

Temas da Aula

- i. Notas sobre paleografia e codicologia
- ii. Critérios da leitura de manuscritos

I. Notas sobre paleografia e codicologia

(1) Paleografia: estudo das escritas antigas – ver Cambraia (2005: 22-25).

Andrade (2009)

- As origens da paleografia remontam à Idade Média, por ocasião da Guerra dos Trinta Anos (1618-148) entre protestantes e católicos – nesse período houve grande falsificação de documentos de posse ou propriedade sob litígio.
- Em Andrade (2009) apresenta-se um importante apoio paleográfico – que todos os grupos do trabalho filológico devem se apoiar.

(2) Codicologia: estudo da técnica do livro manuscrito (ou seja, do códice) – ver Cambraia (2005: 26-29).

Monte (2009)

- O suporte, o material e sua organização interna são os principais aspectos analisados pela codicologia.
- Cresce o aumento do uso de fontes documentais digitalizadas sem contato com os originais.

Segundo Paixão de Souza (2013): “23.000.000 de objetos hoje estão digitalizados ...”

- Muitos trabalhos reservam apenas uma pequena parte ao estudo do material do códice (ou nem chegam a mencioná-lo).
- A codicologia permite datar um manuscrito originalmente sem data.
- Em Monte (2009), apresenta-se uma descrição codicológica em documentos setecentistas: **(i)** é um conjunto heterogêneo de manuscritos; **(ii)** esses documentos pertencem a uma coleção de 26 volumes, reunidos de acordo com a caixa em que estariam armazenados no arcevo do Arquivo Nacional.
- A análise codicológica tornou possível a datação aproximada de alguns documentos, além de sua organização.
- Os volumes da coleção não podem ser tomados como “códice” *strictu sensu*:
 - (i) o que norteou a reunião dos documentos em um mesmo volume é a condição de estarem na mesma caixa no acervo;
 - (ii) não se tratam, portanto, de um livro manuscrito na acepção tradicional da expressão: (a) mesmo tipo de papel; (b) mesmo assunto; (c) escrito no mesmo período (há volumes da coleção tanto do sec. XII quanto do sec. XX).
 - (iii) Pelas raras informações, supõe-se que o mais provável é que cada caixa selecionada tenha originado um volume.
 - (iv) Altera-se o significado original de *códice* – livro elaborado em ‘scriptorium’; um ou mais escribas trabalhando em um mesmo projeto e copiando os originais existentes.



escribas judios – imagem google

- Atente, no trabalho em grupo (filológico, para o “Guia básico de descrição codicológica” que se vê em Cambraia (2005: 28).

II) Critérios da leitura de manuscritos

Fachin (2009)

- Atualmente, quem objetiva estudos de língua escrita tem dado preferência a trabalhos que tenham como base edições semidiplomáticas:
 - (i) essas edições conservam o estado da língua da época em que os documentos foram produzidos e o hábito de escrita de seus escribas, facilitando a sua leitura ao passar os caracteres manuscritos para os tipográficos;
 - (ii) desenvolve as abreviaturas e indica os problemas decorrentes de deterioração diversas;
 - (iii) a realização desse tipo de edição tem se dado com o uso de uma documentação composta comumente por manuscritos não literários ... muito mais representativos para os estudos linguísticos do que os literários ...